

ANGRA DO HEROÍSMO

J O G O S
FLORAIS

ANO DE 1924



LIVRARIA EDITORA ANDRADE
ILHA TERCEIRA

ANGRA DO HEROÍSMO

JOGOS
FLORAIS

ANO DE 1924



LIVRARIA EDITORA ANDRADE
ILHA TERCEIRA

CONTEM ESTE VOLUME
AS POESIAS
E ALOCUÇÕES
LIDAS NO SERÃO DOS
JOGOS FLORAIS
NA SALA DAS SESSÕES DA
CAMARA MUNICIPAL
DESTA CIDADE DE
ANGRA DO HEROÍSMO
NA NOITE DE
5 DE JULHO DE 1924

Senhoras
e Senhores :

Em nome da anfitriã destes Jogos Florais da Terceira, festa que à maneira medieval fazemos para encanto de olhos e regalo de ouvidos, Eu os declaro em começo e passo a referir a ordem dos trabalhos :

Lerei uma Ode do illustre poeta Armando Côrtes-Rodrigues, composta ao sabor velho para exemplo do novo ; o sr. dr. Luis Ribeiro, homem de grande humanismo, nos fará um esboço da historia da nossa poesia, e segue-se, por três Musas gentis, a dicção dos versos expressamente feitos para serem coroados.

Catorze composições métricas recebeu a Liga de Educação Física de Angra do Heroísmo, as quais, submetidas ao veredictum de um júri perfêito pelos srs. dr. Manuel António Lino, Gervásio da Silva Lima e dr. Armando Côrtes - Rodrigues, foram classificadas desta sorte :

Dos Hinos à Terra :

Primeiro — Homem de Oeste ; segundo — Sátiro ; terceiro — Portugal, Pátria da Saudade ;

Das composições poeticas sobre assunto e metro à escolha do autor :

Premios sem gradação : Cantigas, sem assinatura ; A ultima carta, firmada com "Ars longa-vita brevis," ; Vicente de Paula por Homem de Oeste.

Uma especial referencia se faz à composição "O Amor de Maria," assinada por Walter, a que, pela singelesa e sabor regional do tema, foi conferido um premio do júri.

Com uma palestra encerrará estes Jogos o consagrado escritor Vitorino Nemesio.

Senhores !

*Apurai bem o ouvido e dai alento à alma.
O Serão começou.*

O D E

AO DR. MANUEL ANTÓNIO LINO

Á hélica montanha dos Açores
Os fervorosos vates
Acorrem, nesta noite, pressurosos.

Saudemo-los erguendo
Unissono clamor, como em solemne
Luzida recepção.

As coroas de louros que, na fronte,
Vão em breve ostentar,
Estas formosas Musas as trouxeram,
Por ordem de Minerva,
Ao primeiro Parnaso destas Ilhas.

E se, por não ter vindo,
Apolo a sua lira não dedilha
Para o côro guiar,
Como em distante, homérica, canção,
É para que não tire
Às filhas do alto Zeus o brilho intenso
De espiritual fulgor
Do que vão recitar, p'ra nosso enlevo.

Ao douto ajuntamento
 Vem Euterpe tangendo a doce frauta
 De lírica harmonia,
 Nas singelas cantigas, nos perfeitos
 Alexandrinos versos.

E Thalia vem após, tendo na fronte
 Uma grinalda de hera,
 Para dizer a idílica canção
 De regional sabor.

Sua amorosa lira desferindo
 Érato vem cantar,
 Em íntima ternura e branda voz,
 Inspirado soneto.

Finalmente Polymnia, pensativa,
 Sua atitude muda,
 Para entoar, com gestos já festivos,
 Os tres hinos à Terra.

Valoroso concurso traz Calliope
 Á celebrada noite,
 Nas falas, que de Cicero partilham
 A retumbante fama.

E assim, mais uma vez, a nobilíssima
 Angra, cidade nossa,

Revive as tradições do seu passado ;
 Pois que, sempre constante
 Em sua lealdade, se mantem
 Em não desmerecer,
 Neste presente, os titulos de gloria
 Que de egregios Avós
 Como sagrada herança recebeu.

ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES.

ALOCUÇÃO

AO MEU QUERIDO AMIGO
ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES

Gentil Presidenta,
Minhas Senhoras, Meus Senhores :

SE os interesses é que governam os povos, são os ideais que os norteiam. Sem ideal não ha civilisação, não ha progresso, nem estimulos sociais, nem vida colectiva capaz de se aperfeiçoar.

O homem, levado apenas pelo interesse, pode alcançar a fortuna, pode atingir o poder sobre os seus semelhantes, mas, sem ideal e sem pensamento, a sua riqueza ficará socialmente esteril e não saberá usar do poder que alcançou.

Ai dos povos que não têm fé nos seus destinos nem esperança no seu futuro ; ai dos homens sem ideais, porque se encerraram numa actividade inferior nunca se elevando a uma finalidade maxima, que dirija e coordene os seus esforços.

Todos os grandes movimentos sociais e todas as grandes conquistas do progresso,

têm como antecedente fortes correntes de ideas, e nestas cabe principalmente aos poetas e aos artistas o mais saliente papel de precursores, porque em quanto a linguagem dos sábios é insuficiente para precisar e condensar as novas aspirações humanas, são os poetas e os artistas, dotados d'aquella visão profética seu apanágio, que exprimem, nas formas da beleza, as ideas imprecisas e mal definidas, ainda em vias de se fixar.

São eles ao mesmo tempo, que espalhando pela viagem da vida as rosas do prazer, a embelesam e nos proporcionam, no conceito de Boileau, a alegria de viver.

A vida sem poesia e sem arte, a vida sem belesa e sem ideal seria um sacrificio superior ás humanas forças.

Logar, pois, aos poetas entre os benemeritos da humanidade!

Estamos em Portugal que é e sempre foi um país de poetas; e estamos no Portugal insular, o mais português de todos, e onde, por consequência, os poetas não rarearão.

Efectivamente, nestas ilhas em que toda a natureza canta, no verde constante das colinas e dos prados, no marulho do mar e no sibilar do vento, os melros e os ca-

narios nas ramarias das arvores e a gente do povo na labuta dos campos, não faltam, graças a Deus, os poetas. Ei-los por toda a parte, uns poetando em segrêdo com o acanhamento que tantas vezes se enlaça com a poesia, outros, mais afoitos, tornando conhecidas do publico as suas produções, mas todos cantando naturalmente, expontaneamente, por uma necessidade do seu espirito, como os melros e os canarios nas matas e nas urzes.

A Liga de Educação Física conscia de que toda a educação e todo o desenvolvimento humano tem de ser integral, resolveu dar aos poetas, nas festas da cidade, parada luxuosa da nossa força física e da nossa riqueza economica, certame concorrido de todas as nossas aptidões, o logar que ao ideal e á poesia compete de direito na vida de um povo. E aqui está como nasceram estes Jogos Florais, por emquanto uma hesitante tentativa, uma experiencia de forças para maiores cometimentos futuros, destinados porem a reatar o passado glorioso desta terra ao presente que lhe não quer ficar atrás.

A Ilha Terceira foi, mais de uma vez, um importante centro de cultura intelectual.

Nunca em conventos franciscanos o ensino e o estudo atingiram maior grau de perfeição, do que no nosso convento de San Francisco. No Colégio da Companhia de Jesus desta cidade, no velho *pateo dos estudos*, hoje o edifício quasi em ruínas do antigo tribunal, leram mestres como aquele P.^o Cristovão Gil, professor da Universidade de Evora, de quem o granadino Francisco Suarez, o *doctor eximius*, o maior teologo do seu século, dizia admiradô: — "Que necessidade havia de me irem buscar a Espanha se tinham cá um professor como este?,"

E grande fama alcançaram em ambas estas casas de ensino as disputas scientificas realisadas em publico e as festas literárias em-que, com os clérigos, ombreava a fina flor da nossa mocidade aristocrática.

Perderam-se muitos dos trabalhos dessas gerações, que ficaram manuscritos, e de alguns apenas nos restam escaças notfcias, todavia suficientes para aquilatarmos do seu merecimento.

Com o governo dos capitães generais Angra tornou-se uma pequena capital, e as letras, para que sempre os seus habitantes tinham mostrado particular tendencia,

alcançaram um periodo de raro esplendor. A Academia Militar instalada no Castelo de San João Baptista constituiu-se, desde o seu inicio, num centro de cultura intelectual, onde as matematicas mereceram particular atenção. No principio do seculo XIX não ha festa em que a poesia e a musica não tenham a sua parte e das mais consideraveis.

Ha pedras que parecem ligadas a um certo destino; e assim como as cantarias das largas parêdes do Convento de San Francisco, mudas testemunhas das aulas dos frades franciscanos, iam ver passar deante de si sucessivas gerações de alunos do nosso Liceu, os muros do Colégio dos Jesuitas, que tinham albergado tantos eruditos e presencado tantas festas do espirito, passaram a assistir, no mesmo discreto silencio, aos brilhantes saraus dos capitães - generais.

Por lá andavam Tiburcio António Craiveiro, o poeta eminente que tradusio Byron e Voltaire, José Augusto Cabral de Melo, o insigne tradutor das Odes de Horácio, João António da Cunha, tão consumado latinista que escrevia sonetos bilingues, ao mesmo tempo purissimo latim e vernáculo portuguez, o sabio Dr.

João Cabral de Melo, tradutor de Milton, poeta original de mérito, juriconsulto de raro valor, Manuel José Coelho Borges, o árcade, e talvez algum dia também por lá aparecesse, descido do distante Convento de Santo Antonio dos Capuchos, o bom Frei Alexandre da Sagrada Família, tio e professor de Garrett, mestre da Marquessa de Alorna, bispo resignatário de Malaca e depois bispo de Angra, que, por certo, não desdenharia glosar discretamente o seu mote nalguma tertúlia mais íntima.

Os emigrados da Amazona, que a população da ilha via com maus olhos por causa do seu democratismo afrancesado, eram homens de subido valor intelectual e contribuíram bastante para alçar o nível da mentalidade terceirense. Nos púlpitos o P.^o Wanseler, o franciscano Frei Tomás do Rosario, o Licenciado Gordo, o conego regente D. Francisco da Soledade e mesmo o P.^o Queiroz tão satirisado pelos poetastros de então em consequencia do seu feitio de apóstolo combativo, mixto de missionário e de moralista, capelão das freiras do Convento da Conceição, elevaram a eloquencia sagrada a alturas, até aí, difícil e raramente atingidas.

Veu o constitucionalismo e o periodo revolucionário; mas a revolução não matou o culto das letras a que apaixonadamente se entregavam muitos dos soldados do liberalismo.

Os quartéis dos voluntários da Rainha eram viveiros de poetas, e quando se recebeu a noticia da derrota dos guerrilhas no Pico do Celeiro em 24 de outubro de 1828 D. Emilia Carlota da Silva improvisou dois formosos sonetos. Chegou o Imperador e para solenizar a vinda de D. Pedro, realisou-se no teatro, na noite de 5 de Março de 1832, um espectáculo no qual Joaquim Pinheiro das Chagas, pai do illustre polígrafo de todos tão admirado, recitou uma pomposa ode em estilo neoclassico, comparando em mal disfarçadas hiperboles o rei soldado ao heroi romano. Polulam as sátiras e os sonetos, as odes e as cantatas como se, com exercicios poeticos os expedicionarios se preparassem para a luta civil, que dentro em pouco se desencadearia no Portugal continental.

Passada essa época Angra entra num período estacionário, mas o amor ás letras não se perde. Vem o romantismo e Antonio Gil, Amancio Leocádio Vieira, Azevêdo Cabral, Mendo Bem, José Sam-

paio, vão poetando á maneira de Gomes de Amorim, Soares de Passos e Casimiro de Abreu. A par deles brilham as poetisas do romantismo, D. Maria Dulce Coelho Borges, D. Maria Guilhermina de Mesquita Pimentel e... *jen passe*. Nem tudo são obras primas por certo, não ha mesmo nenhum grande poeta como os havia no começo do século, mas ha sempre inspiração, sentimento e naturalidade.

Continuam os poetas de hoje a velha tradição desta terra, e nas suas composições entra a acentuar-se um novo cunho—o regionalismo literário, fonte vevificadora da moderna inspiração poetica, renovadora da arte, que sem perder o seu caracter nacional nem deixar de ser bela, se prende cada vez mais á terra, á terra mãe, á terra onde tivémos o berço e onde todos desejamos ter a sepultura, á terra querida que é primeiro a casa onde viveram nossos pais e onde vimos a luz do dia, depois estas nove ilhas dos Açôres e o país grande na historia e grande nas tradições, grande em muitas das suas manifestações actuais da vida social, o país a que todos nos orgulhamos, nos desvanecemos, nos gloriamos de pertencer.

Sejamos bem açoreanos, bem portugueses e ainda bem terceirenses, e sejamo-lo convicta, deliberada, consciente, propositadamente. Sejamos em tudo o producto da nossa terra, e para mostrar que o somos pelo espirito e pela arte, se organisaram estes Jogos Florais onde, de mirto e louro, á maneira antiga, serão coroados os poetas vencedores.

LUIS RIBEIRO

HINO À TERRA

I

Envolta pela sombra do mistério
Segue a Terra o destino que a conduz
Em larga volta ao sol no espaço etereo,
Fascinada, talvez, por essa luz.

Fecundada por ela, graciosa,
Cobre um manto esmaltado em luz e côr;
A azulada montanha luminosa
No vermelho poente arde em fulgor.

Pelos vales o verde colorido
Ondula à luz do sol e ao vento sul,
E o mar, soberbo rei, de amor vencido,
Estende aos pés da Terra o manto azul.

Mas a alma luta e geme alanceada
 Pelo Mal, o feroz triunfador;
 Quantas vitimas choram pelo nada,
 Exaustas, desoladas pela dôr!

É lei. Mas pelas sombras do futuro
 Luz que não é, talvez, miragem vã,
 Anuncia-te, ó Terra, um céu mais puro
 Em que o Bem seja o sol doutra manhã.

HORTA

MANUEL JOAQUIM DIAS.

UM HINO À TERRA

II

Dardeja Julho a prumo. Os segadores
 Dormem a sesta em leitos de folhagem,
 Trinam as aves, repicando amores,
 Nos ramos que, de leve, embala a aragem.

Em grupos, respigando as raparigas
 As espigas maduras, da côr de oiro,
 Desafiam-se alegres, em cantigas
 Da vida, do seu bem, do seu tesoiro.

As flôres variegadas dos canteiros,
 Cuidadas de mãos noivas e mimosas,
 Desentranham perfumes; nos outeiros
 Entrecrusam-se as doidas mariposas.

As boninas, vermelhas, nacaradas,
Da côr do fogo, em estos de paixão,
Lembram labios de virgens namoradas
Que em outros labios a fundir-se vão.

E, ao ver este conjunto harmonioso
Em que a alegria santa se traduz,
O Sol ia cantando melodioso
Um Hino á Terra, em canticos de luz.

HORTA

JOAQUIM MACHADO TRISTÃO.

HINO Á TERRA

III

Dizem que a Graça e o Amor, noivando um dia
Percorreram o largo e argenteo mar
Numa linda barquinha, que par'cia
Feita das brancas ondas de luar

Num doce e cadenciado movimento
As ondas balouçavam a barquinha,
Que, avistando só mar e firmamento,
Seguia avante, intrepida, sozinha.

E a Graça, comovida p'la ventura,
Que lhe osculava a alma enamorada,
Soltou lagrimas, cuja essencia pura,
Sobre as ondas, ficou cristalisada.

Formaram-se assim nove lindos ninhos
De poesia, de encanto e de beleza,
Que traduzem afectos e carinhos
No sublime florir da natureza.

E, delés, o terceiro, que surgiu
Como um hino triunfante de victoria,
Por nobre e por heroico refulgiu
Nas luminosas paginas da historia.

HORTA

ANA ADELINA BET. DA COSTA NUNES.

A ULTIMA CARTA

Vinha pensando em mim na hora derradeira,
E a sua ultima carta, a Morte a interrompeu...
Como é que se resiste á magua verdadeira
Qual a de haver perdido affecto como o seu?!

A carinhosa mão que me embalou no berço
E o meu passo amparou, emquanto mal seguro,
Não quiz finalizar o seu destino adverso
Sem confirmar-me, ainda, o seu amor tão puro!

Tenho sofrido, estoica, as mais acerbias dores,
Mil espinhos crueis colhendo, em vez de flôres,
Na estrada percorrida e em cujo extremo estou.

Nenhuma angustia igual-que nunca mais se aparta,
Que me alanceou ao ler, banhada em pranto, a carta
Que, impiedosamente, a Morte epilougou!

PONTA DELGADA

ALICE MODERNO.

CANTIGAS...

Cantigas leva-as o vento
Cantigas não valem nada!
Se elas riem num lamento
E choram numa risada...

Os pobrinhos, mendigandô,
Lá vão na rua a cantar!
— Talvez que sofram cantando
E cantem p'ra não chorar.

Tam longe de ti me sinto,
Tam longe, — que já nem sei
Se quando te falo minto
Ou menti quando te amei.

Naquela gôta de pranto
A rolar triste e perdida,
Que doidas horas de encanto
Feitas mágua diluida!

Desfolhei um mal-me-quer
 ... Pouco ... nada. O que eu sofri!
 Perdôa! Se eu sou mulher
 E vivo longe de ti...

Os teus olhos, meu amor,
 São continhas de resar;
 Eu rezo a Nosso Senhor
 Bem dentro do teu olhar.

Os ribeiros, leito fora,
 Vão correndo sempre, vão...
 — Só a dor que a gente chora,
 Essa, volta ao coração.

Cantigas, que eu vim compondo,
 Oxalá, não vão dizer,
 Daquele amor que te esconde
 E tu fizeste nascer.

ANGRA DO HEROISMO

ADELAIDE SODRÉ.

VICENTE DE PAULO

Viveu na França outróra um veneravel velho
 Apostolo do Bem; ao encontra-lo o povo
 Saudava-o descoberto. Um evangelho novo
 Prégava com o exemplo; e o simples evangelho,
 Feito de compaixão e de palavras mansas,
 Reconduzia á vida as miseras crianças
 A quem negava a sorté os maternais carinhos;
 Expondo-as mães crueis ás pórtas das igrejas,
 A' compaixão casual das almas benfazejas,
 Ou pela noite escura á beira dos caminhos,
 Achavam, vindo á vida, em vez de seio materno,
 O sol do estio ardente e o gelo frio do inverno.

Reinava pelo mundo a fria indiferença
 Que impedernia, vil, o ccrção das gentes.
 Terrivel ironia em que se apraz a sorte.
 Ninguem sentia na alma a dor feroz e imensa
 Desse abandono atroz dos tristes inocentes,
 A's vezes a sorrir a quem os leva á morte.

Levára o dia o velho, o redentor, o santo,
No seu mistér augusto, a procurar crianças.

Sobre as montanhas de oeste o sol descia, entanto ;
As arvores na terra as sombras estendiam
E desenhavam longe as magestosas franças.
Ele apressava o passo; as trevas que viriam
Podiam surpreender algum infante exposto.
Caia-lhe o suor do macerado rosto
E as gotas pela barba ao sol tremeluziam.

La pensando inquieto: os cerrações são de aço;
Não os penetra a dor da alheia desventura...
E os olhos levantava ao alto azul do espaço,
No seu ocaso o sol dourava-lhe a figura.

Seguia, quando viu na curva do caminho
Em lagrimas no chão exposto um pobresinho.
Ele o levanta e beija, e a luz do sol poente,
Que já sobre a montanha a palpitar descansa,
Dava fulgôr mais vivo ao velho e ao inocente,
Abrindo, num sorriso, a boca da criança.

HORTA

MANUEL JOAQUIM DIAS.

O AMOR DA MARIA...

Porque será que a Maria
Pequena tão socegada,
Muito séria e concentrada,
Anda louca d'alegria?

Mal o Sol clareia o monte,
Assim que rompe a manhã,
Donairôsa, folgazã,
Vai de cantarinho á fonte.

Vai cantando alegremente
Uma canção amorosa...
Fica a gente duvidosa
Ao vê-la assim tão contente.

Foi convidada a Maria
Por vizinha de bom senso,
Para ir a S. Lourenço,
A um "balho," que lá havia.

E como ela foi formosa,
De saia branca da moda,
Com muitos folhos á roda,
Enfeitada a côr de rosa!

Levou a blusa amarela,
Côr linda que ela muito ama,
E, por ser "*balho*," de fama,
Levou cinto de fivela.

Quando no "*balho*," o "*Manel*,"
A viu assim asseada,
Numa quadra, bem rimada,
Chamou-lhe "*pedra d'anel*,"...

E nessa noite, que dita!
Um par novo então se via!
O "*Manel*," mais a Maria
A "*balhar*," a "*Chama-rita*,"...

Reina paz, reina harmonia
Naquele pobre ambiente,
"*Balha*," e canta toda a gente,
Mas com toda a cortesia...

Das jarras de barro escuro
Parece até que a verdura
Solta cantos de ventura
Num sorrir ingenuo e puro.

E a Maria, alma inocente,
Pequena tão sócegada,
"*Balha*," desembaraçada
E até canta de contente.

O "*Manel*," sempre sisudo,
Diz-lhe, com certo temor,
Falinhas de bom sabor
Muitas vezes a miudo.

Ela córa, fica bela,
Mas finge não perceber
Receando não perder
O bom porte de donzela.

No meio das "*balhadeiras*,"
Fica toda envergonhada,
Moça séria e concentrada,
Estranha "*aquelas maneiras*,"!

Mas a pouco e pouco vai
Sentindo no coração,
A doce e calma impressão
Duma mágua que se esvai.

Abrasada em chama ardente
Está a sua alma aflicta,
Olha ao redor, mas hesita,
Nem mesmo sabe o que sente!

Mas quando o Mançl lhe diz,
Carinhoso e comovido,
Que quer ser seu "bem querido,"
Para a fazer mui feliz,

Ela então, mimosa flôr,
Anciosa fica crente
Que a doce impressão que sente
E' o raiar dum amor...

ANGRA DO HEROISMO

SERAFIM DE CHAVES.

ULTIMAS PALAVRAS

—
Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Há pouco mais de um mês, em Paris, numa tarde docemente propícia às mais doces saudades, passeava eu Campos Elíseos fora, quando achei, pressuroso na sua andaina sobria, com o ar ligeiramente frio que a França dá aos homens, um patricio que se cruzou comigo e que eu não vira há anos. Passámos, enviesámos os olhos incertos uns dos outros, fomos já seguir os dois destinos opostos, quando êle, certificado já de quem eu era e desde logo alegrado, se voltou, abriu desmedidamente os braços affectuosos e me apertou com fôrça. Outro tanto lhe fiz. E a exclamação que lhe saiu dos lábios, surpreendida, trazia tal veemência, era tão bem entoada à moda da Terceira, que eu tive a impressão assombiante de que Paris era um sonho, de que eu não ia tal, caminho do Bois de Boulogne, mas que, tomando a nuvem por Juno, o

meu passeio se fazia nalguma estrada insulana, talvez nos Cinco Picos, e que aquele grande encontro era o de um criador de gado da Terceira. E, contudo, o meu amigo perfizera naqueles seus anos de Paris um grande ar refinado, um modo pessoal de civilização perfeita e não traía, a olhos que não fôssem os meus ou dalgum ilheu como eu, sua es-correita geração das ilhas. Desempenado e alto, aprendera as maneiras quási fátuas, que, não sendo as nossas, Paris ensina como coisa só sua:— o geito sêco de andar, o traje preciso e elegante, o fraco esbracejar tão contrário á nossa abundância de gestos, e essa fala doce, com um leve esganiço nas perguntas, ágil, solerte e comedida, que faz a fácil graça dos salões. O meu amigo, emfim, estava um parisiense feito. Mas ah! foi com certeza a mão airosa da terra que lhe acenou em mim, que se estendeu de mim e foi mudá-lo, o fez despir aquele arranjo estrangeiro tão engenhoso e fino, para saudosamente, encantadoramente o reverter completo á nossa maneira de ser.

A tarde, no Bosque de Bolonha, tinha um encanto fresco. Sob as limalhas do sol as árvores eram altas. Os automóveis

corriam nas áleas, e as cavalgadas também. E, preciosos, saltadores em suas casacas pardas, os passarinhos vinham comer á mão com uma grande alegria. Então, em pleno Paris, fervente, travámos de cavaco, e a ilha Terceira existiu em mim e nêle, exilados, tão real como é no meio do mar Oceano.

Busquei êste caso, que succedeu comigo, como a um exemplo alto;— e é que nunca, por mais raras que sejam as paragens alheias, por mais perfeito que se possa mostrar um meio adverso ao nosso, um verdadeiro ilheu consegue repudiar a terra da nascença, o retalho do céu que o cobre como manta, e sobretudo este ar macio e fresco que nos cerca e penetra, ar aberto como uma flor de humidade onde as almas ilhóas sugam, abelhas pobrezinhas, a viva seiva da bondade simples e o doce mel da graça cativante.

E' para mim um soberano gôsto o falar, nesta festa do espirito, em coisas que, servindo-o, sirvam a nossa terra; porque o espirito da terra é o que me prende e preocupa. Nado e criado aqui, á lei de Cristo, informaram-me a alma os ares destas paragens, cada dia brumoso foi um alento a mais nos meus alentos, e se

ao meu ser o sinto misterioso, é que elle se fez e gravou entre os mistérios, deram-lhe vulto as lavas esfriadas, e o mar, sempre de roda derramado e vivo, ensinou ao meu espirito a lei do movimento, que é a da percepção. Mas, meus Senhores, a esta razão genérica se ajunta, desde a mais velha data, a razão não menos geradora mas de diferente modo, de que minha alma foi sempre embalada aqui, meus sentimentos aqui se applicaram sempre, e ainda nas longes terras me notei sob estes influxos suaves, como se minhas raizes em fios delgados e longos aqui sugassem a vida. O destino, portanto, que se me traçou em menino, lançou a sua curva por desvairados caminhos, tortuou-a e flectiu-a, sem que nenhuma de suas voltas ideais deixasse de tocar neste cantinho do mundo. Lá diz Anatole o que eu há tempo lembrei: *un homme n'est rien quand il n'est pas le produit de sa terre*. E é julgando-me êsse produto da terra, essa pessoa tão própria destes sítios como o sanguinho e a lapa, que me orgulho, agradecendo a Deus o ter-me pôsto á nascença neste berço marinho, por cima do qual os tristes milhafres bruxos vêm ditar as sinas.

Agora, com esta minguada autoridade

do que não renegou, antes viveu bradando pela terra e para o bem da terra, é meu propósito contar-vos, em claras, desafogadas palavras, alguma coisa do que penso e sinto sobre as nossas valias. Cheguei aqui na ocasião mais asada. Um conjunto de festas populares se estudou e pratica; não se descursa, entre tanto galhardo torneio, uma partida de espirito, e estas coisas são tanto mais de admirar quanto eu creio bem firme, que é a primeira vez que o nosso amor a festas ganha a feição proveitosa. Na verdade, as nossas maiores qualidades se têm quasi perdido. Não que se eliminassem; menos que a praga dos defeitos haja descido negra á vinha das virtudes; mas porque sendo essas qualidades nossas dadas a fácil perda, a própria natureza delas, mal domada, se tem encarregado dum desbarato inglório para a nossa existência. Somos um povo festeiro, o mais gaudioso. Mas se formos a ver que condições o meio nos dá para tal fim, hesitamos. O clima é húmido e, bem que temperado, abafa. Raros os dias claros, limpos, destes dias só azul e vivo que infundem alegria e em que os homens propendem para a imaginação e o gáudio, parece que êste embrulho de nuvens em

que sempre vivemos nos tornaria fuscas, e na verdade a nossa acção é lenta, debaixo do céu lento. Mas é talvez uma resposta ao pêso da atmosfera a ligeireza das gentes. Compensamos o ar abafadiço com o ânimo leve; e assim é que, tendo nos geitos do viver comum um triste porte bisonho, dêem-nos festas, bodos, correrias, e eis-nos os mais festeiros de todos os homens do mundo. Um sinal, porém, desolador, traziam as festas da Terceira em mais recuados tempos; e era o do desperdício de uma actividade rica, o da folia pela simples folia, o, enfim, tristemente perdulário dispêndio das reservas alegres.

A alegria da vida, na Terceira, á fôrça de gastar-se, ameaçava deixar um triste e amargo fundo. E depois, notemos que mau é um povo que hoje amealha para amanhã dispendar, sem medida, á tôa de velhas usanças que pouco ou nada aproveitam quando não têm um rumo educativo.

Era assim, salvo ilusão maior, o nosso génio: cercear o tempo ao trabalho para gozar á doida, e sem que o gozo tivesse muitas vezes — é forçoso dizê-lo — o intelligente fruto das alegrias sãs. Mas agora, neste ano da graça luminoso e fecundo,

eis que volto, de surprêsa reentro no torrão da folia e logo assisto, não sem me tomar de certo espanto forte, á mais lúcida morigeração da nossa vida alegre e divertida. Agora sim. Em tôrno das festas populares da Terceira ata-se um fio de intelligencia clara, elas se unem sob um critério de educação estética, e já não é em vão — me parece — que os toiros correm e levantam poeira, que os moços folgam e estreiam fatos, que Santa Folia, enfim, a nossa padroeira, gaituramente dependura e acende o seu balão de arraial. Mas esta mudança de hábitos, esta — digamos — filosofia nova do prazer, amostra por ora uma deminuta forma das que melhor convêm. Estamos a educar primorosamente o corpo, mas com deterimento espiritual bem grande. Espero, contudo, em face dum progresso tão alto como este, em frente de tão perfeita saúde e pura destreza física, que amanhã a preocupação melhor seja a do intellecto. E só por isso é que eu aplaudo estas festas sem condição alguma. Demais, agora mesmo se começa a esboçar uma tendência franca para a cultura da mente, e outra coisa não são estes Jogos Florais que o equilibrio dos outros, dos olímpi-

cos, já tão perfeitos e importantes já. Pouco é, na verdade, um poeta ou outro ingénuo que aqui concorra afanoso, a lira ornamentada, na bela mira de ganhar a palma dêste breve triunfo. E se é certo que as ribas da Terceira não são avaras de verso, não é menos certo que a poesia de cá é quasi vanidade. Ela se tem criado a bordar as chinelas dum vago bucolismo. Confinava-se no prado, mal bate as âsas no bosque, e mais ou menos tem sempre funcionado como uma prenda caseira. Entretanto, na apagada e vil tristeza dos tempos, e mesmo assim singela, como é, eu lhe acho a graça duma coisa pura, que nos compensa e suaviza. Neste torneio de hoje — é evidente — não quebram lanças os poetas grandes que os Açores ainda contêm. Mas nem por isso deixam de ter encanto estes Jogos Florais, e eu me alegro de ver as damas, da Terceira aqui concursas, dando a ilharga gentil às damizelas, que são de certo as musas belas de hoje. Um povo antigo, entre todos os povos muito amador da graça, punha de par com a destreza física uma outra bem grande. Era o povo da Grécia, e essa outra destreza levava rumo ao espírito. Debaixo do céu doce criava os

corpos fortes. Dos montes claros, vivos, luminosos, tirava a claridade dos pensamentos puros. Ao gineceu seguia-se o ginásio, e a tradição dêste sítio, longe de se quedar no culto da forma corpórea, foi mais longe, estendeu-se à cultura do abstracto, ao afino da mente, ao preparo da alma, que também pode atrofiar-se e ser gafa. Pois bem. Desenvolvamos, sim, os nossos corpos, que devem ser airosos, ter movimentos prontos e precisos. Mas não nos esqueçamos de que uma outra ginástica se nos impõe a par; e assim, á semelhança de nossos avós, os gregos, façamos da idea um todo bem jogado, agrupemos os pensamentos belos para que sejam ágeis, e guiemos a perfeição do corpo, de tão cuidado modo, com tamanha intelligencia, que nêle não fique ao termo da partida um vácuo sem consôlo, mas um recheio dêsse fluido nervoso que sempre guiou o mundo e tornou bela a vida.

Convençamo-nos: a educação exclusiva do corpo é um mal afflitivo. Os homens não tendem para afinar as carnes, porque o espírito, essa como que exalação cheirosa de tôda a nossa vida, é que é, por direito, a mira derradeira em tôdas as

lutas terrenas. E assim como se não cultivam flores senão por ver-lhes côr e respirar-lhes cheiro, assim também os corpos se não querem mais, que para sedes dignas de inteligências claras.

Há dias, meus Senhores, eu tive o espiritual prazer de ouvir algures, chãmente lidos por uma voz ilhã, alguns versos de que guardarei e guardo o ritmo arquiperfeito. Era poesia simples. De sabor salgado, aqui, cantava o lento mar das descobertas e o rendoso mar da pesca; além, com saibos acres, erguia da humildade a nossa enchada e o pote; mais longe, finalmente, cantava a chuva e o milho dos cerrados, santo milho da engorda e da fartura, que eu vejo sempre tenro, sempre orgulhoso do cabelo ruivo, e que em miúdos grãos, quando é dezembro, se polvilha de sal para aquecer da invernia. Quero hoje ser ruidosamente indiscreto dizendo o nome ao poeta. Mas antes, como quem soma a um só deus verdadeiro uma trindade distinta, desejo eu juntar a êste grande vulto uns três açoreanos. Eis o quadro. Eu vo-lo aponto para que olheis e admireis. No Dr. Manuel António Lino está a alma formosa de um singular artista; no Dr. Luís Ribeiro o espírito gentil de um

fervoroso humanista; em Gervásio Lima, um artista também de bela têmpera e relêvo. Vamos agora à indiscreção suprema. O poeta, o grande poeta que ainda julgo ouvir e que me assiste perto, é, desde há pouco, um dos claros valores das letras portuguesas. Chama-se Côrtes Rodrigues. E é mostrando-vo-lo a par dêsses outros três nomes, que me honro de admirá-lo, a todos reüno no mesmo louvor humilde, e acabo, enfim, com vosso consenso amável e calado, por declarar a honra que aos Açores engrandece com tão valiosos filhos.

Minha Senhora (1):

Concorrem hoje na pessoa de Vossa Excelência, por graça natural e merecida eleição, os dons perfeitos de três deidades formosas que a antiguidade amou. Uma, que era invocada por Flora, presidia ao entreabrir das flores nos meigos jardins romanos; outra, que tinha o nome de Ceres, tirava da terra as loiras messes fartas para que houvesse abundância;

(1) A Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Sampaio Dart de Castro Parreira Coelho, Rainha dos Jogos Florais.

finalmente, a terceira, que os gregos veneraram chamando-a de Minerva, assistia aos espíritos, iluminava-os de engenhosas ideas e de subtis pensamentos, e era talvez de tôdas a mais alta porque seu peito era firme, a raros dava o dom de seus segredos, e sua graça, emfim, vaporosamente se mostrava aos homens nos cimos de todos os cimos. De Flora tem Vossa Excelência a frescura, e ainda mais com ela se confunde porque abre também as flores, que outra coisa não são as obras ideais dêste dia; de Ceres retém o alto dom da abundância, pois de si vêm nestes magníficos jogos a seara das finezas, e os versos de hoje parece de si virem como um alvo pão nosso; e em terceiro lugar eu a comparo a Minerva pela porção de espírito que em Vossa Excelência concorre. já próprio seu, já de todos nós nascido e a si tornado.

Mas agora me lembra que estes ditos, derivados de mim, poderão parecer uma lisonja fútil ou uma pessoal blandícia. Não são. Exprimem simplesmente o encanto de nós todos pela intenção desta hora, são como votos a um perfeito símbolo de todo o valor da festa, e porque a suma dos Jogos Florais é uma flor, eu a uma flor os

dou por muito bem empregados. Conta-se de Catão, que em Roma viveu no derradeiro século antecedente a Cristo e que, após a derrota de Thapso, com a própria espada se deu uma morte digna; conta-se de Catão que sendo presente um dia a uma florália, festa da primavera, se retirou em meio por não escurecer o gáudio da assistência. Para eu ser como o bisneto nobre do grão censor romano, e repressor do luxo, mingua-me a austeridade e o mais, que nêle se concertou; mas quiçá me não falta o rosto cheio de sombra e o nariz favorecido, que das medalhas que no-lo dão ressaltam sob os loiros peregrinos.

Horresco referens! - ao menos, nasalmente eu me assemelho a Catão. Mas, nesta florália, se pela má sombra a minha situação safu parelhe á dêle, a-pesar-disso, fico. E só invoco o ar avelhentado, a face injubilosa, em desconto da enganadora aparência deste elogio a vós.

Durante a Idade Média, Senhora, as côrtes de amor eram reuniões de damas a quem os poetas preiteavam. Dez, quinze castelãs recebiam vénia e mesura de trovadores ardidos. Passavam-se as vésperas, e êles a rimarem coitas. As noites iam-se, e elas a ouvirem dós. E esse tempo correu

assim propício a versos, os sentimentos tiveram nêle cabida, as letras se ilustraram e por tôda parte foram. Pois bem. Revivamos, no tempo mau e material que é o nosso, esse costume tão gentil e raro, tão precioso e formoso, tão fundamente espiritual, enfim, que quasi nos transporta, arreda um instante da nossa vida o negro e tanto nos comove, que não há alma que perante êle se abata ou não experimente alegria. Anacrònicamente façamos a nossa còrte de amor. E a si, pois, minha Senhora, que a ela preside como Rainha perfeita de tôdas as graças de hoje, e magestosamente acresce ao seu mandato uma excelencia tão sua, eu presto a minha humilde homenagem de pobre artista simples, e vassalo fiel do espiritual primor que em vós se representa.

VITORINO NEMÉSIO.

Foi Rainha dêstes Jogos Florais, promovidos pela Liga de Educação Física de Angra do Heroísmo, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Castro Parreira, tendo por suas damas as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria Margarida Borges da Costa (Leitora), D. Maria do Carmo Mendonça Machado, D. Maria Manuela Siuve de Menezes, D. Maria de Lourdes Mesquita, D. Matilde Fernanda de Gusmão Rodrigues, D. Maria Belo de Castro, D. Emilia Belo de Castro, D. Maria José Parreira Pereira, D. Maria Madalena Forjaz de Lacerda e D. Maria de Lourdes Forjaz de Lacerda. Leram as poesias as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Izabel de Oliveira, D. Amelia Corte Real e D. Albertina Pimentel.